



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8109 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

SALAS DE LEITURA E SUAS HETEROTOPIAS

Liliana Secron Pinto - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rosimeri de Oliveira Dias - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SALAS DE LEITURA E SUAS HETEROTOPIAS

O objetivo, desta proposta, é pensar os movimentos que compõem as salas de leitura das escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro por entre as experiências de cinco professoras, em companhia de Michel Foucault e o seu conceito de heteroropia.

Como modo de pesquisar, utilizamos a pesquisa-intervenção, que propõe trocar o “conhecer para transformar” pelo “transformar para conhecer” (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67), apontando para a multiplicidade de formas de inserção na vida social e a intensidade com que elas são capazes de mover o cotidiano e de gerar conhecimento compreendendo-o como parcial, histórico e como efeito de jogos de força. Entende-se, nesse sentido, “os grupos como dispositivos de afirmação de outros modos de subjetivação, realidades abordadas micro e macropoliticamente” (ROCHA, AGUIAR, 2003, p. 68) e apontam para o conceito de diferença (DELEUZE, 2006) ao tratar do confronto de múltiplas subjetividades que ocorrem nos espaços públicos, no espaçotempo cotidiano, em condições concretas e são constituídas pelos discursos diversos produzidos pelos sujeitos, estabelecendo-se em devir, em ação transformadora (DIAS, RODRIGUES, 2020).

Pensar as salas de leitura por entre as conversas com as professoras nos provocou questionar: como as salas de leitura, e as verdades que as constituem, foram sendo forjadas na construção discursiva no momento histórico analisado? Como as professoras de sala de leitura, foram se constituindo como tal? Como se dá a produção das diferenças nesse contexto identitário? Há uma condição recíproca de existência entre espaço/professor de sala de leitura atravessada pelo discurso?

Com as análises e intervenções, é possível dizer que nunca vivemos um período de consenso sobre o sentido das salas de leitura. Mas há momentos em que as disputas por ele se evidenciam. E com elas emergem as possibilidades de repensarmos nossas práticas, pensá-las sob outras perspectivas, redimensionando nossas próprias existências.

Na perspectiva foucaultiana, estamos vivendo “a época do espaço” (FOUCAULT, 2013). Um momento específico da história em que, não negando a ideia de tempo (foco do pensamento do XIX), passa-se a ter no espaço a ideia de posicionamento, o foco das experiências (FOUCAULT, 2009b).

Podemos afirmar que à noção de espaço, do ponto de vista do posicionamento, alia-se a uma outra questão a ser considerada para sua configuração: a existência ativa dos sujeitos que o compõem e se compõem com ele. Mais do que um habitar, ele pressupõe uma ação na produção dos espaços, que estão presentes nas relações de vizinhança, na circulação, na classificação de elementos para se chegar a um fim. Por isso, propomos como possibilidade analítica, pensar as salas de leitura como espaços outros possíveis, utopias com lugar preciso e real, uma heterotopia (FOUCAULT, 2013).

Mas essa composição sujeitoespaçotempo, não existe sem tensão, sem disputa, sem o exercício do poder. Sendo a escola, para Foucault, um dos espaços sociais de controle, uma heterotopia de passagem, de produção de “corpos dóceis” que faz “das crianças, adultos, de camponeses, cidadãos” (FOUCAULT, 2013, p. 26), como compor nela um contraespaço heterotópico? Seriam as salas de leitura essa linha de fuga da escola? Ou ela, fazendo parte desse contexto, se prestaria igualmente ao controle? Estas questões fazem emergir a dimensão política das heterotopias em tensão com/nas salas de leitura e com/na própria escola.

As salas de leitura, por entre as experiências das intercessoras e a conversa com Michel Foucault, são o lugar do movimento, provocador de deslocamentos, de que se sai transformado. Um lugar de contestação “que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real” (FOUCAULT, 2009, p. 420). Uma brecha. Que se dispõem a ser uma heterotopia de passagem, onde os sujeitos não se fixam, mas se deslocam e se transformam.

Mas a essa heterotopia associam-se outras. Uma sala de leitura é uma biblioteca, heterotopia do tempo que se acumula ao infinito, em que “se encerram todos os tempos e lugares do mundo” (FOUCAULT, 2013, p. 25).

Algo próximo do que encontramos no poder da justaposição, princípio heterotópico enunciado por Foucault quando compara tapetes e jardins, “jardim móvel através do espaço” (idem), o tapete, física ou metaforicamente ali exposto, assume o posicionamento do sujeitoespaço heterotópico, e traz para as salas esse sentido de “espaço sagrado”, que ao ser habitado se transforma num microcosmo onde cabe o mundo todo. Um lugar outro dentro da escola.

Mas também as salas de leitura são o lugar das festas, uma heterotopia crônica, onde se fazem feiras literárias, comemorações das mais diversas, ensaios. Heterotopias que também lidam com o tempo, mas por sua efemeridade.

Mas nessa abertura a possibilidades outras, no entanto, não cabe tudo. Ora biblioteca, ora tapete, ora jardim, ora festa; ora passagem, ora permanência; ora cronologia, ora heterocronia. Sua forma de existência vai variar de escola para escola, de acordo com o seu público, com o profissional que ali atua, nas relações que estabelece com a comunidade escolar, com cada sujeito.

Outro princípio das heterotopias, presente nas salas de leitura, diz respeito à sua capacidade de abertura e fechamento. Nele, Foucault propõe que “A heterotopia é um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter de fora” (FOUCAULT, 2013, p. 27), para penetrá-la ou se é obrigado, ou se precisa passar por ritos e purificações. E há ainda aquelas que são ilusões. Neste caso, ao penetrar, só pelo fato de entrar, se é excluído.

As salas de leitura possuem em si essa capacidade de abertura dos sujeitos à leitura desse livro-heterotopia que está ali posto, ansiando por leitores, mas, no entanto, alguns – arriscamos dizer que, por não as suportarem – não ultrapassam o limite da capa.

Nesta liga da pesquisa intervenção entre professoras de sala de leitura e a dimensão

heterotópica deste espaço outro, emergem quatro princípios que se apresentam como tentativa de contribuir para que se mantenham as linhas de subjetividade e produzam experiências de fuga do esvaziamento de sentido a que as salas de leitura, a leitura literária e a própria educação, vêm sendo submetidas; potencializando o caráter político e libertário que a leitura possui: 1 – Elas são o *lugar da leitura literária*, uma vez que a literatura é a fonte primária de sua existência. O que não elimina as múltiplas leituras e possibilidades de uso, mas valoriza a arte literária como carro chefe. 2 -São o *lugar do encontro*, pelo seu caráter coletivo, mas principalmente, pelo encontro entre leitores e leituras. 3 - São o *lugar da formação* – por estar localizada na escola, prescindindo, no entanto do caráter pedagogizante que essa localização pode pressupor. 4 - São o *lugar da invenção* – de produção de escritas e de produção de si e do coletivo, o que inclui a (re)invenção cotidiana de suas próprias existências.

Palavras-chave: Foucault, espaços outros, leitura literária, escola.

REFERÊNCIAS

DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Pensamento e invenção: por uma formação outra. *Revista Mnemosine*. Volume 16, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2020, p. 4-32. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52676/34293> Acesso 23 set 2020.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

_____. *Do governo dos vivos: curso do Collège de France, 1979-1980: aulas de 9 a 30 de janeiro de 1980*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009a.

_____. Outros espaços. *Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p. 411-422

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Revista Psicologia, ciência e profissão*, 2003, p. 64-73.